

**RENATO JÚNIOR E LAUREJAN FERRAÇO**

# **GUERRA FEDERAL**

**RETRATOS DO COMBATE A CRIMES VIOLENTOS NO BRASIL**

**BRASÍLIA, 2019**

Certidão de Registro ou Averbação  
Escritório de Direitos Autorais / Fundação Biblioteca Nacional (Ministério da  
Cultura)

Número do registro: 761.633 / Livro: 1.477 / Folha: 148 / Ano: 2018

GUERRA FEDERAL:  
RETRATOS DO COMBATE A CRIMES VIOLENTOS NO BRASIL

Romance policial  
Autores: Renato Júnior e Laurejan Ferraço / 2019 (2ª edição)

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**  
Marcelo Pires (marcelopiresdesigner.com.br)

**IMAGEM DA CAPA**  
Kjpargeter - Freepik.com

Copyright © 2018 Renato Júnior e Laurejan Ferraço  
Todos os direitos reservados.

*“A sociedade que separa seus estudiosos dos  
seus guerreiros terá seus pensamentos feitos  
por covardes e suas lutas feitas por tolos.”  
(Tucídides)*

# SUMÁRIO

Prefácio.....	6
Nota dos autores à 2ª edição.....	10
<b>NOVO CANGAÇO, VELHOS CRIMES .....</b>	<b>13</b>
Prelúdio do fim.....	14
Cidadela exposta .....	15
Inteligência intuitiva .....	20
Pau quebra .....	22
Mocó.....	23
Liberdade confortável.....	27
<b>TEATRO DE OPERAÇÕES FEDERAIS .....</b>	<b>31</b>
Coisa de cinema.....	32
Droga de vilania .....	42
Reprise.....	47
Mocinho providencial.....	50
Roteiros futuros.....	53
<b>EXPLOSÃO DO MEDO.....</b>	<b>57</b>
Segurança pelos ares.....	58
Esquilo voador.....	64
Estranho no ninho.....	66
Penetração.....	70
Mestre dos disfarces .....	74
Na surdina .....	77
Crime tipo exportação .....	88
São Paulo sitiado.....	97
Em família.....	103
Volta ao berço .....	108
Prova de bandeja.....	116
Faro perdigueiro.....	118
Círculo vicioso .....	120
Gafanhotos vorazes.....	129



## PREFÁCIO

Lidar com segurança pública no Brasil representa desafio dos mais imprevisíveis, recorrentes e perigosos. Não temos guerra declarada contra inimigo formal, com objetivos específicos e conhecidos. No entanto, grande parte dos habitantes sente, na pele e na alma, os terríveis efeitos de intensos eventos criminosos traumáticos. E as estatísticas, muitas vezes, até superam os mais sangrentos conflitos oficiais da atualidade mundo afora. Quando interpretados sem filtros manipuladores, os números não mentem. É possível afirmar que vivemos em uma guerra assimétrica em meio a qual sucumbem diariamente vítimas, agentes do estado e população civil.

Confesso ter sido surpreendido e arrebatado pelo vigor narrativo e pela riqueza de detalhes investigativos de bastidor encontrados em *Guerra Federal – retratos do combate a crimes violentos no Brasil*. Li o livro de supetão, em um só fôlego, no susto e na alegria de deparar-me com material ousado, repleto de ações e reflexões sobre tema tão relevante e, ao mesmo tempo, tão negligenciado por governos de qualquer esfera de poder ou cor partidária. É o retrato de uma polícia que pouco aparece na mídia - a que combate crimes violentos e correlatos.

A questão do novo cangaço (e sua temerária evolução ainda em curso, segundo os autores) é emblemática por mostrar as entranhas reprodutivas de um movimento dado como morto e enterrado após seguidas decapitações de cangaceiros, sendo Lampião o maior troféu de todos, é claro. Contudo, o que acontece poucas décadas depois no mesmo sertão nordestino? O ressurgimento do cangaço sob nova configuração – mais sóbria, articulada, moderna, porém não menos letal: roupas com proteção em couro e alforjes costurados por prendadas mulheres rendeiras dão lugar a coletes antibalísticos e mochilas pretas; vistosos chapéus de abas viradas, cravejados de moedas e símbolos pictóricos abrem passagem a balaclavas ou toucas ninjas igualmente negras para dificultar identifica-

ção; tradicionais rifles papo amarelo, mosquetões e punhais de lâminas longas perdem a vez para potentes artefatos explosivos e armamento “pesado” de última geração e uso restrito.

Se, no passado, Lampião tombou ante a devastadora metralhadora portátil empunhada pelos “macacos”, hoje o tráfico internacional de armas e o poderio econômico de inúmeras organizações criminosas transnacionais invertem o fiel da balança. Agora, quem está em desvantagem são as “volantes” de policiais destemidos, mas oprimidos por baixos salários, formação deficiente, equipamentos sucateados e pouco ou nenhum direcionamento de esforços para alvos prioritários. Neste vácuo deixado pelo poder público, as quadrilhas de assaltos a bancos, carros-fortes e bases de valores se alastram em ritmo exponencial.

Mesmo assim, sempre há esperança. Principalmente quando vemos, nesta obra literária, iniciativas de integração de forças policiais, exaustivos esforços investigativos orientados por técnicas de inteligência, ponderações sobre a inadiável redução da população carcerária, entre outras medidas. Toda essa movimentação do bem propõe uma alternativa salutar ao exaurido modelo de segurança pública calcado na força bruta. O policial possui, sim, todas as credenciais necessárias para assumir o protagonismo da promoção dos direitos humanos, sem abrir mão da prerrogativa do uso da força repressiva em momentos de crise. Afinal, são os agentes da lei que garantem os direitos individuais e coletivos mais básicos de milhões de brasileiros, como o de ir e vir e o da manutenção da ordem pública. Greves recentes e corriqueiras de algumas categorias de policiais pelo país nos fazem pensar no caos que seria uma sociedade sem polícia. Entretanto, antes de tudo, o policial também é um cidadão. E precisa reconquistar sua autoestima e resgatar a importância de seu papel social em uma nação carente de exemplos positivos.

*Guerra Federal* faz parte desta virada de mentalidade. E, ousado dizer, já integra um seleto grupo de novos títulos da literatura policial, na qual histórias ficcionais são muito bem estruturadas sobre alicerces de uma realidade que vai muito além das apurações jornalísticas generalistas e

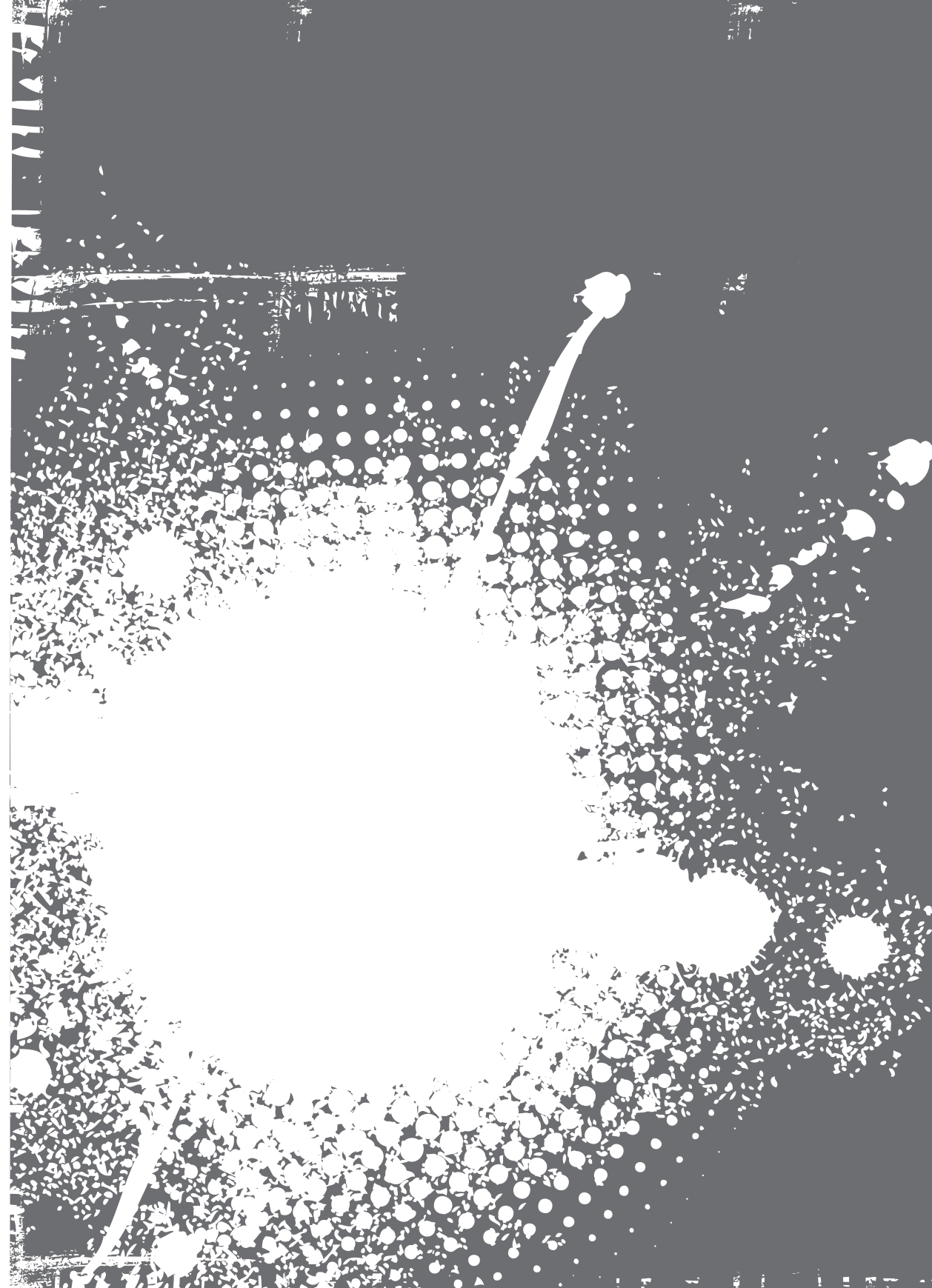
dos protocolares boletins de ocorrência das delegacias. Esta ótica diferenciada, só possível de ser apresentada por quem está no “olho do furacão”, jogará você (leitor e leitora) na espiral eletrizante dos mais recentes enfrentamentos a crimes violentos no país.

Prenda a respiração. A aventura começa agora!

***Romildson Farias Uchôa***

*Especialista em Ciências Penais*

Brasília, setembro de 2018



## NOTA DOS AUTORES À 2ª EDIÇÃO

O que nos motiva a publicar a segunda edição de um livro independente? Reconhecimento de entrar no mercado editorial formal – com direito a impressão, distribuição e divulgação bancadas por editora de grande porte – passa distante do objetivo, já que as portas costumam se fechar em definitivo para obras que não tragam o frescor do ineditismo. E, convenhamos, o cenário só tende a piorar quando as histórias são narradas por ilustres desconhecidos. Sem mágoas, apenas uma constatação.

Decididos a não mais esperar sentados por respostas negativas, evasivas e padronizadas de editoras avessas ao risco em país flagrantemente pobre no hábito da leitura, nós (Renato Júnior e Laurejan Ferraço) partimos para o ataque e encontramos na autopublicação a liberdade criativa para sermos quem quisermos e seguirmos em frente. Sinais de novos tempos.

Lançada em setembro de 2018 somente como versão e-book para Kindle, disponível na Amazon, a primeira edição de *Guerra Federal – retratos do combate a crimes violentos no Brasil* teve recepção no mínimo curiosa, positivamente falando. As vendas em si são pífias ainda. Porém, até o momento, são quase 3 mil acessos de assinantes do plano Unlimited. Significa que está rodando.

É esta grata receptividade que nos impulsiona, agora, a oferecer também a versão física do livro, novo desafio. Folhear página a página ao bel-prazer, sentir o cheiro da tinta no papel, carregá-lo à mão como troféu ou amuleto ou confidente... várias ainda são as razões para curtirmos um livro impresso.

Por isso mesmo, aproveitando a ocasião, resolvemos turbiná-lo com atualizações necessárias a um tema tão dinâmico e, ainda, ampliá-lo com passagens adicionais que se encaixam como uma luva em seu fechamento. Sem spoiler, só podemos dizer que ficou um pouco menos incompleto diante da infinitude de eventos criminosos violentos que assolam nossas

existências desde sempre, mas manteve o foco no novo cangaço e seus desdobramentos.

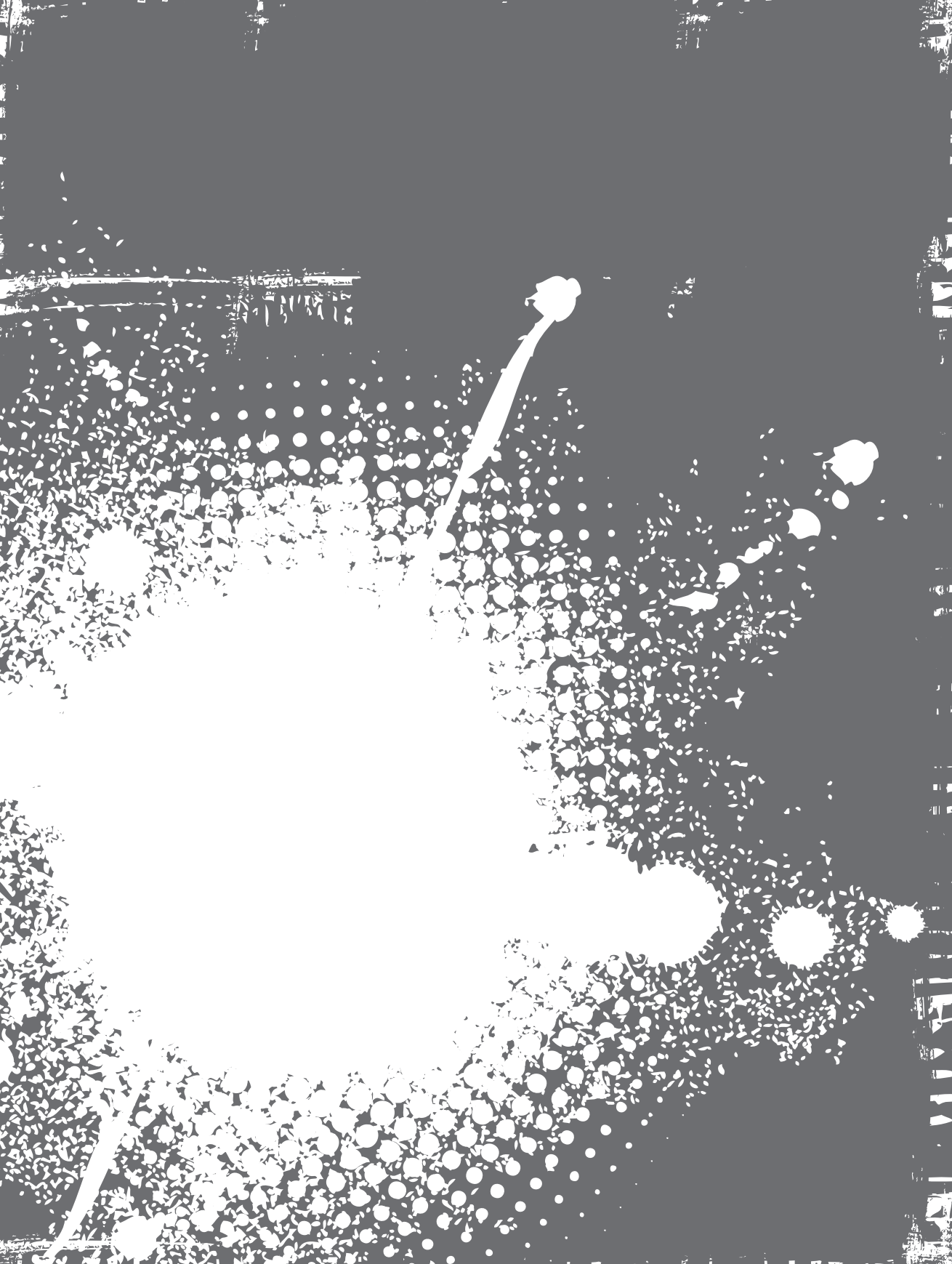
O crime igualmente possui suas escolas de formação. E esse sistema institucionalizado de ensino-aprendizagem germina e prolifera ao largo da sociedade dita de bem, até que se prove o contrário. Apartado em unidades de custódia praticamente autônomas, regidas por leis próprias, tacitamente distorcidas, esse sistema carcerário instituído no Brasil será um dos temas do nosso segundo livro, já em avançadas discussões. Isso tudo junto com modelos futurísticos de toda a desgraça que está por vir, como a perigosa sedimentação do domínio de cidades em nosso território, modelo de exportação para o resto de um mundo mais caótico do que nunca daqui a, digamos, trinta anos.

Pronto, falamos.

*Renato Júnior é policial com experiência e atuação contundente no terrível cenário de crimes violentos contra o patrimônio. É um sobrevivente.*

*Laurejan Ferraço é comunicador com atuação em publicidade e jornalismo. Meteu-se a traduzir toda a carga dramática de histórias inquietantes. Já foi um curioso. Agora, encontra-se numa verdadeira especialização em Segurança Pública.*

Brasília, junho de 2019



# **NOVO CANGAÇO, VELHOS CRIMES**

### **Prelúdio do fim**

Sexta-feira 13 para o bandido mais procurado do Norte-Nordeste brasileiro. Não sou lá muito supersticioso, mas reconheço oportunidade de data azarada e estranhamente chuvosa para o momento: 13 de maio de 2016. O chefe de clã sanguinário do novo cangaço está encurralado na zona rural do município de Morro Cabeça no Tempo, sul piauiense, no meio do nada, entre pó encrustado, lama tímida e rochas esquecidas pela eternidade.

– Acabou, cabra! Tá cercado. Sai com as mãos na cabeça e deixa as armas aí! – ordena um dos policiais, integrante de força-tarefa composta por agentes da lei de três Estados.

Caçado como animal que é, nem imagina de onde surgiram tantos macacos rajados, muito menos a chuva. Seu delírio provavelmente transporta-o à época de Virgulino, inspirador-mor do levante atual de sertanejos ainda em busca de seu lugar em país latifundiário, desigual, corrupto até a alma futura de gerações a perder de vista. Ferido, debilitado, sabe que a caatinga cobra a conta pela longa estada em suas instalações infernais de solo pobre e pedregoso, clima semiárido que não o deixa raciocinar, arbustos secos e retorcidos como a pele queimada de seus irmãos de armas.

Está há nove sóis no inferno, desde as primeiras horas do dia 5, quando empreenderia mais um assalto bem planejado a uma agência bancária do interior, desta vez a banco estatal em Curimatá, a 775 km de Teresina. Mas algo deu muito errado. A polícia já esperava seu bando. Fugiram sem levar muita coisa, escudados por reféns atônitos, frágeis, aterrorizados. No confronto inicial, ainda no mesmo dia, tomba o primeiro companheiro. Resolve ativar o plano B: dividir a quadrilha, embrenhar-se na caatinga, evitar estradas e trilhas e deixar a poeira baixar, como sempre fez.

Apesar de bem treinados e equipados nos últimos anos, os “rajados” não conversam entre si e limitam-se às fronteiras de seus Estados falidos. Por que fizeram diferente agora? – deve se indagar. Justo agora que acumulara poder, experiência, respeito e armamento suficiente para detonar seus rivais (bandidos e policiais) e finalmente vingar a morte de seu tio,

uma lenda da região do Vale do São Francisco, destemido líder de sua família nos anos 90 e início dos anos 2000, quando foi perseguido e morto em confronto na cidade de Pilão Arcado, na Bahia, após toda uma vida de crimes.

Quem sabe não tenha pensado em sua Abaré natal, no noroeste baiano, banhada pelo Velho Chico, refúgio perfeito com inúmeras e belas ilhas verdinhas de maconha? A caatinga para essas bandas do Piauí não é tão convidativa assim. Porém, essa é sua realidade momentânea: insolação, fome e sede, lá onde o bafo quente do Tinhoso faz a curva, onde Judas perdeu as botas. Lá nessa terra de ninguém que ele insiste em explorar a cada fuga de risco calculado por quem tem colhão de sorrir para a morte.

– Cai pra dentro, seus vermes! Não me entrego não, morro como cabra homem, ahahah! pá, pá, pá, pá! pou, pou, pou! – gargalha em descontrole evidente e atira a esmo, alternando-se entre pistola e fuzil. Já deixou o dinheiro para trás, mas suporta o peso salvador de armamento de grosso calibre e farta munição, esses sim companheiros inseparáveis de um cangaceiro moderno que se preze.

### **Cidadela exposta**

Natural de Paulista, na região metropolitana de Recife, posso dizer que conheço bem o potencial bélico e a postura arrojada do novo cangaço, movimento igualmente oriundo do sertão pernambucano, a exemplo do grupo original de Lampião e companhia. Jovem ainda – antes de entrar para a polícia – ouvia histórias de rixas inconciliáveis entre famílias tradicionais de Floresta, Belém do São Francisco, Cabrobó. O típico homem sertanejo entende qualquer desavença como questão de honra, de vida e morte. Isso é cultural. Se, desde o início do século 20, contentavam-se com brigas nas urnas, revezando-se no poder político, em finais dos anos 1980 descambaram para disputas insanas de plantio e comércio de erva, no hoje conhecidíssimo Polígono da Maconha, margeado em parte por um conjunto monumental de terras devolutas banhadas pelo Rio São Francisco.



Em um primeiro momento, o tráfico servia basicamente para financiar a compra de armas como ataque e defesa na matança entre as famílias. Não demoraria muito, porém, para que os assaltos a bancos, carros-fortes, ônibus interestaduais e até veículos particulares entrassem no rol criminoso de pais, tios, primos, irmãos, cunhados e demais agregados rivais. Passaram a gostar do dinheiro fácil, da adrenalina pulsando nas veias. A oferta era grande, mas a concorrência também. A cealuma estava feita.

O atual líder da principal família do novo cangaço, acuado em uma sexta-feira 13 de 2016, estava fora dos radares de qualquer força policial até 2014. Somente neste ano a Área de Inteligência da Polícia Federal recebe sinal de um informante em Pernambuco de que o “menino” começava a se juntar aos familiares das antigas, ligados ao tio dele, morto em 2003. Outros avisos do contato ecoavam: “Ele é diferente”. “Já mostra liderança, mesmo entre os mais velhos, cascas grossas”. Iniciamos, então, um acompanhamento mais de perto. E presenciamos sua rápida transformação em veterano aos olhos orgulhosos e receosos dos companheiros da velha guarda.

Usa armas longas e muita truculência em assaltos pequenos ainda, como em Curaçá e Patamuté, no norte baiano. O roteiro das ações cinematográficas de sua quadrilha é sempre o mesmo: tomam a cidade à base de muita bala, cercam a delegacia (se houver) e o posto da PM com dois ou três policiais, vão ao banco, à lotérica ou aos Correios e explodem o cofre com dinamite, fazem reféns entre funcionários, clientes ou transeuntes e fogem rumo à caatinga para ultrapassar os limites do Estado assaltado e dificultar a captura, deixando um rastro de destruição e pânico.

Assim seria também em Uauá, na Bahia. Na visão impulsiva e autoconfiante dele, um menino. Perigoso, mas menino. Trinta de outubro de 2014, dez e meia da manhã. Está ficando cada vez mais fácil. O batedor sinaliza que a calmaria reina. A única agência estatal do local abriu há pouco e alguns aposentados já movimentam ninharias individuais de uma vida inteira de trabalho árduo. A soma de exploração aviltante, no

entanto, ganha vulto interessante em relação ao baixo risco de confronto. Cenário ideal para mais um crime perfeito.

Dez homens com funções bem definidas invadem cidadela em duas picapes desferindo uma saraivada ensurdecadora e ininterrupta de tiros para o alto, para o banco, para a delegacia, para a PM. Munição é o que não falta, muito menos coragem. O fator surpresa e o estrago psicológico de ação contundente infligidos à população e aos escassos policiais locais, completamente submissos, são a chave para a tomada integral de Uauá. Dois seguranças são baleados sem gravidade. Entendem que nada podem fazer contra fuzis, metralhadoras, espingardas e pistolas automáticas. O especialista em explosivos capricha dessa vez. Praticamente tudo vem abaixo e o cofre é esvaziado.

Vinte minutos de terrorismo cangaceiro, hora de ir embora. Por garantia, dois funcionários reféns acompanham o grupo. Um deles, coitado, amarrado ao para-brisa do veículo, do lado de fora, de frente para a ação. Como forma de desfazer qualquer mal entendido com os moradores, e preservar certa aura altruísta do novo cangaço, notas de cinco reais são jogadas ao vento. É uma festa! Tudo perdoado.

Ocorre que o bandido prodígio já estava sendo acompanhado por policiais abnegados que se ausentam por longos períodos de seus lares para entender a tendência da evolução do crime organizado. Não vou entregar aqui o ouro a bandido e explicar tintim por tintim nossas várias técnicas de inteligência. Seria burrice. Só posso dizer que os resultados não são tão exatos como muitos imaginam, nem imediatos como todos desejam. Mesmo assim, identificamos que ele estava em Uauá. Tardiamente para surpreendê-lo no roubo, mas a tempo de organizar um cerco efetivo.

De posse de informações preocupantes sobre a periculosidade do bando, tentamos viabilizar ação conjunta com os rajados da Companhia Independente de Policiamento Especializado (CIPE - Caatinga)<sup>1</sup>, grupo de elite da PM baiana, e o Batalhão Especializado de Policiamento do

1. Antiga Companhia de Polícia de Ações em Caatinga (CPAC).

Interior (BEPI)<sup>2</sup>, de Pernambuco. Rajado é um apelido dado pelos bandidos aos policiais destas forças especiais, que usam uniforme camuflado de cor ocre e impressões digitais “caatingentas”. Se os safados se deram ao trabalho de inventar um apelido, significa que o fardamento – livremente inspirado no modelo usado por tropas norte-americanas no Iraque, na operação *Tempestade no Deserto* – funciona enquanto marca institucional indelével de que o bicho pega se você cruzar com um rajado pelo sertão.

Pelo fato de os assaltantes estarem em território baiano e movida por sentimento de autossuficiência, contudo, a CIPE dispensa o apoio do coirmão BEPI. Dariam conta, avisaram. Vaidades. De fato, eles são muito bons, conhecem profundamente a região, têm experiência em progressão em terreno adverso e inóspito, mas não possuíam efetivo necessário para aquela situação extrema. Bastava ao BEPI atravessar o Velho Chico para pisar em solo baiano. Não foi dessa vez que a força-tarefa ganhou liga.

Na madrugada do dia seguinte, 31, os assaltantes são cercados na mata de Patamuté, município de Curaçá. Dois deles morrem no confronto e outros cinco são presos. Seria um bom saldo se três não tivessem escapado, entre eles um certo menino.

Para não morrer, deixa parte do dinheiro com outra equipe e se embrenha na caatinga. Pode resistir o tempo que for preciso. É jovem, forte, esperto. Com o conhecimento secular de sua família sertaneja, aproveita ao máximo os recursos naturais imersos na caatinga. Não é evidente, mas a vida pulsa nesse bioma bem brasileiro. E a morte também, caso não saiba tirar água de umbuzeiro, mandacaru, xique-xique.

Privilegia frutos e raízes na alimentação. Acender fogueira significa delatar-se aos seus perseguidores. Poderia deleitar-se com um teiú bem assado, lagarto de carne similar à galinha caipira, ou um tatu-peba cozido da forma certa para eliminar sua inhaca característica. O cardápio é extenso: tamanduá, iguaria finíssima, suprassumo de fonte proteica; jacu,

primo distante e selvagem do faisão; lambu, espécie de codorna de fácil captura; juriti, tipo um pombo ainda encontrado em abundância na caatinga; caititu, porco-do-mato de pequeno porte.

Porém, todos necessitam do enigmático e insubstituível fogo, insumo natural controlado a tantas eras e o pior delator possível para um fugitivo com rajados insistentes e igualmente conhecedores do terreno no seu encaço. É melhor privar-se de carne por alguns dias. Não levarão isso tão adiante, imagina. Mesmo a coleta de frutos e raízes requer cuidados, tanto na forma da extração como na escolha das opções. Eles adoram rastros de galhos quebrados e tubérculos arrancados de solo rachado.

O mais crucial, entretanto, para um sertanejo desafiador da caatinga (depois da água) é saber lidar com cada planta, arbusto, árvore. As aparências desta flora guerreira enganam qualquer incauto que pretenda sobreviver às suas astúcias evolutivas.

Alimenta-se sem medo de coroa de frade, quixaba, umbu. Jamais de maracujá-de-estalo, dotado de toxina superior ao veneno da jararaca. Também passa longe do cansaço. Tem muito respeito por esta planta. Na verdade reconhece certo trauma infantil por presenciar seu falecido tio usar efeito urticante de folhas medicinais contra desafetos. O homem mais próximo do conceito abstrato de família que já conheceu esfregava a folha peluda do cansaço nas virilhas e partes baixas dos pobres inimigos, que urravam e se contorciam em queimação, e bolhas apareciam quase instantaneamente. Erva daninha do diabo!

Agora, se quer realmente se safar, precisa manter-se alerta, com a cabeça no lugar. A jurema preta é tentadora, pensa enquanto passa ao lado do arbusto de aparência frágil e pequenos pontinhos escuros nas extremidades das folhas. Já participou de uma pajelança com a bebida feita da casca da raiz da jurema, planta sagrada para a família a qual pertence no sertão pernambucano. A ocasião marcou seu rito de passagem à fase adulta. A experiência psicodélica de droga alucinógena semelhante à mesalina, presente no LSD, foi longa, intensa, indescritível. Melhor seguir em frente.

2. *Antiga Companhia Independente de Operações e Sobrevivência em Áreas de Caatinga (CIOSAC).*

Até que, em suas andanças, olhando para o céu azul inclemente, percebe fios de uma rede de transmissão de energia da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF). Serão o seu guia até a civilização mais próxima. Essa foi por pouco.

O trauma em Uauá representa batismo de fogo para o menino atrevido. Torna-se arredo, paranoico, estuda com mais afinco os alvos dos roubos, coopta bandidos locais para prestarem apoio logístico e traçarem rotas seguras de fuga, recrudescer a violência das ações. Enfim, cresce, vira homem, bicho solto.

Possui um plano maior – daqueles que só o ódio e a vingança são capazes de conceber –, mas ainda precisa de dinheiro para comprar mais armas. No período de 2015 a início de 2016, ganha cidades como Buíque, Betânia, Dormentes, além de carros-fortes no sertão pernambucano. Finalmente desperta a atenção que merece das autoridades nordestinas. Um último assalto e ele poderá pôr em prática seus objetivos nefastos de retomar o poder da família, aniquilar os adversários históricos, incrementar o plantio e a venda da maconha e executar o máximo possível de policiais, principalmente os vermes rajados baianos e pernambucanos, ditos responsáveis pela morte de seu tio. Próxima parada: Curimatá.

### **Inteligência intuitiva**

Uma da madrugada do dia 1º de maio de 2016. Durmo o sono dos justos. Faz muito bem de vez em quando. Toca o celular. Do outro lado um companheiro agente da PF de Juazeiro, na Bahia. Um passarinho contou-lhe que o novo homem do novo cangaço, agora denominado Patrão, está há dois dias quieto, sumido. Coincidentemente, um comparsa conhecido fora visto perambulando pelas bandas de Curimatá e Avelino Lopes, ambas cidades do extremo sul do Piauí.

Como não acredito em coincidências, ligo imediatamente para um colega major, caveira do Batalhão de Operações Especiais (BOPE-PI), um dos maiores conhecedores das movimentações de assaltantes a banco no Estado, e informo sobre provável situação Alpha-Bravo (Assalto a

Banco). Na sequência, sem pestanejar, ele aciona o secretário de Segurança e o comandante geral da PM do Piauí que, de imediato, autorizam o deslocamento de duas equipes do BOPE e uma equipe do Grupo de Repressão ao Crime Organizado da Polícia Civil (GRECO), com o intuito de descer à localidade, realizar levantamentos e prevenir possível assalto nas características violentas já sabidas, que sempre expõe ao risco a população e policiais.

Ao mesmo tempo, o agente de Juazeiro solicita à Inteligência da PM baiana (P2) que envie destacamento para a divisa entre Bahia e Piauí na tentativa de identificar os veículos da quadrilha. Peço também apoio aos comandos de inteligência da Bahia e de Pernambuco para liberarem seus respectivos grupos especiais (CIPE e BEPI) a fim de comporem um cerco na região.

Começava aí uma força-tarefa de respeito, unindo três Estados e a Polícia Federal, porém com informações inconsistentes ainda. Não sabíamos se atacariam, nem onde, muito menos quando. É importante esclarecer que a urgência da situação nos faz trabalhar, na maior parte das vezes, no escuro, no faro, no fio da navalha, nas deduções que apenas a experiência acumulada tem capacidade de intuir. Para tanto é primordial a existência de um time coeso de cabeças pensantes, dotado de habilidades específicas e complementares.

Depois de Uauá, a força-tarefa agora amadurece. Com humildade, todos entendem a gravidade do momento e aceitam nossas orientações. Conhecemos o líder há dois anos, quando nasceu para a criminalidade. Sabemos como ele se comporta, tanto no planejamento dos roubos como no improviso do confronto aberto na caatinga.

Dias 2 e 3: equipes de prontidão em propriedade na zona rural de Curimatá. Incursão de tantos policiais prima por discrição em entradas esparsas e à paisana para não chamar a atenção de coiteiros e olheiros desconfiados. Inteligência da PF confirma abastecimento em dinheiro de todos os bancos, lotéricas e agências dos Correios em Curimatá, Avelino Lopes e Morro Cabeça no Tempo, subindo para três as cidades que podem ser tomadas na região.

No dia 4 apostamos quase todas as fichas em Curimatá. Movimentos progressivos e incisivos de bandidos sem muito jogo de cintura para blefes escancaram o alvo. E o ataque ocorrerá nas próximas horas. A divisão de tarefas prevê que a CIPE-BA e o BEPI-PE fecharão o perímetro externo, evitando saídas da cidade; o BOPE-PI fará o primeiro confronto nas imediações da agência bancária; a Força Tática-PI garantirá a retaguarda; e a P2-BA será infiltrada num prédio em construção em frente ao banco apenas com a função de dar o sinal verde para as demais equipes.

O mundo feliz do planejamento, contudo, nunca se confirma frente à caótica realidade de acontecimentos imprevistos em cadeia. A praça central da cidade é uma agitação só durante a noite, com muitas pessoas circulando e se divertindo, imprevisto que atrasa consideravelmente a execução do plano traçado. Apenas a P2 e a Força Tática conseguem assumir seus postos sem alarde.

Para aumentar a tensão – como se não estivesse elevada –, dispersas em pontos estratégicos na cobertura do perímetro, as equipes perdem contato com os seus comandos. Falhas na rede de celular geram sombras entre os municípios e impedem a comunicação; não dispomos de aparelhos telefônicos satelitais, problema sério para missão tão complexa. A noite avança, e o pessoal de campo permanece isolado em seus anseios, sem meios de saber o que está para acontecer.

### **Pau quebra**

Alguns minutos além da meia-noite de 5 de maio de 2016. Policiais da P2, em campana em frente ao banco de Curimatá, avistam um Ford Ranger e um Logan se aproximando em alta velocidade da agência. Desesperados, veem oito homens fortemente armados desembarcarem. Não devem agir, pois estão em flagrante desvantagem numérica e de armamento.

Não muito longe dali, nos arredores da cidade, policiais do BOPE não tiveram tempo hábil de abrigar seu atirador de precisão em local seguro para visualizar a quadrilha e iniciar o confronto de maneira a garantir a

segurança das equipes e da população. A primeira explosão dos caixas eletrônicos é ouvida e sentida pelos moradores festeiros. A terra treme. O grupo de contenção dos assaltantes inicia disparos intimidadores para todos os lados.

Ainda sem contato com o comando, os bravos policiais da P2 identificam o Patrão na calçada. Oportunidade assim subverte qualquer ordem preestabelecida. Ignoram pudores e acertam o chefe, recebendo de volta chumbo grosso dos comparsas, claro. A segunda explosão não vence o cofre, onde o montante principal da grana é guardado.

Ferido e temendo a chegada de mais policiais, Patrão decide bater em retirada e, como de costume, faz reféns entre curiosos dando sopa por ali. Assumem o aterrorizante papel de escudos humanos. Reagrupados, os caveiras piauienses armam barreira na saída de Curimatá, mas abrem passagem para evitar a morte de inocentes. Sabem que o jogo está só começando. Os bandidos dividem-se em dois grupos: um vai em direção a Avelino Lopes; o outro ruma para Morro Cabeça no Tempo.

Surpreendem-se com o policiamento de contenção da CIPE, que confronta o Ranger e os obriga a retornar para Curimatá. Abandonam o veículo dois quilômetros antes da entrada da cidade e fogem a pé pela mata, deixando para trás o primeiro bandido abatido, ao lado de um fuzil Mosquefal, calibre 7.62mm. O grupo do Logan igualmente não vai longe e larga o carro com os pneus furados na estrada Carroçal, que liga Curimatá a Morro Cabeça no Tempo. Os reféns são resgatados em segurança.

### **Mocó**

Contratempos justificáveis impossibilitam a prevenção ao roubo e a prisão imediata dos ladrões. Por outro lado, surpreendidos, eles só levam uns trocados do caixa eletrônico e, na pressa da fuga, não conseguem reunir mantimentos necessários para a incursão pela caatinga, já que não poderiam mais acessar seu ponto de apoio.

Ciente de que o planejamento inicial não aconteceu como o previsto, pois praticamente todos os criminosos escaparam do primeiro cerco, o